



O BUSCADOR

EDIÇÃO ELETRÔNICA
REVISTA DE CIÊNCIA MAÇÔNICA
LOJA MAÇÔNICA DE ESTUDOS E PESQUISAS RENASCENÇA Nº 1



A ARCA DA ALIANÇA

*Francisco de Assis Medeiros Jardelino **

SUMÁRIO - Este artigo relata aspectos interessantes sobre a Arca da Aliança, desde o ponto de vista bíblico ao científico. Correlaciona sua importância com a Maçonaria, cujo simbolismo está presente em suas cerimônias iniciáticas.

Palavras Chave: Maçonaria. Arca da Aliança. Simbolismo.

ABSTRACT - This article reports interesting aspects about the Ark of the Covenant, since the biblical viewpoint to the scientific. Your important correlates with Freemasonry, whose symbolism is present in its initiatory ceremonies.

Key Words: Masonry. Ark of the Covenant. Symbolism.

"Assim falou Javé a Moisés: 'Farás uma arca com madeira de acácia: seu comprimento será de dois côvados e meio; sua largura, de um côvado e meio; sua altura, também de um côvado e meio. Tu a revestirás com ouro puro, recobrando-a por dentro e por fora...' (Êxodo 25).

INTRODUÇÃO

A Arca da Aliança ou a Arca do Testemunho é uma das principais relíquias sagradas e um dos mais temidos símbolos da antiguidade. Em Êxodo é possível encontrar instruções diretas quanto a sua confecção e disponibilização no Tabernáculo. É descrita com poderes maravilhosos e mortais, tornando-se a posse mais valiosa dos israelitas em toda sua peregrinação à terra prometida, destacada desempenhando importante papel nas guerras pela conquista de Canaã. Seu registro bíblico é quase todo caracterizado por sua fúria e poder de destruição, matando sem aviso se as regras de seu manuseio não fossem severamente seguidas. Ainda assim, após 400 anos de história desaparece dos relatos bíblicos sem explicação.

Sempre provocou a imaginação dos homens e tem sido um dos maiores desejos de arqueólogos de várias partes do mundo e de vários momentos da história, descobrir o seu verdadeiro paradeiro. Ao longo dos tempos, inúmeros são os relatos de descoberta da localização da Arca, sem, entretanto, comprovação de sua veracidade.

Na maçonaria, notadamente nos graus conhecidos como "Graus Israelita-Bíblicos", há citações à Arca da Aliança, presente no Templo em lugar de destaque. Essa tradição, que na série simbólica da Maçonaria, é iniciada através de uma lenda, relata a construção do Templo de Jerusalém pelo Rei Salomão, onde estaria, dentre outros utensílios, a Arca da Aliança.

Seria ela um artefato divino a serviço do povo escolhido, ou um instrumento a serviço dos faraós, anterior a escravidão do povo hebreu no Egito? A descoberta da Oficina/Templo ou Templo/oficina egípcia no Monte Horebe, pela expedição do arqueólogo Flinders Petrie e, a descoberta do misterioso pó branco, o "mftzk", "o pão da vida" levantaram muitas questões de interpretações da história da Igreja e a forma como vinha sendo ensinada.

A despreziosa abordagem dos fatos bíblicos ou científicos relatados neste pequeno estudo, não é e não tem a pretensão de ser, suficiente para fechar questão sobre o tema ou afrontar quaisquer crenças religiosas, afinal a simples falta de evidências do paradeiro obscuro

* O Autor é Venerável Mestre de Honra da Loja Maçônica "Prof. Leônidas Santiago", nº 16, Oriente de Areia, Paraíba. Delegado Distrital do Sereníssimo Grão Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba.

da Arca, que pudesse esclarecer muitas dúvidas, não é suficiente para justificar a crença na sua inexistência.



A Arca da Aliança

A ARCA – DUVIDOSAS AFIRMAÇÕES

A arqueóloga canadense Anne Michaels, professora da Universidade de York, em Toronto faz a seguinte colocação sobre a busca da Arca da Aliança: “Ela é um desses objetos míticos, que nenhum arqueólogo sério gosta de dizer que está procurando”. Entretanto, como especificado em Êxodo, a Arca tem sua forma e dimensões previamente definidas, assim o teólogo Borger, Hans Irmama, do Centro de Cultura Judaica de São Paulo, não tem dúvidas em afirmar: “Não temos motivos para duvidar que a Arca tenha existido, mas é pouco provável que esteja inteira até hoje”.

Outros estudiosos são mais cuidadosos em suas afirmações e consideram: “Não existem evidências concretas a respeito dela. A Arca mal chega a ser objeto da arqueologia. É assunto para historiadores bíblicos” e ainda, “Ela fascina as pessoas por causa de seu intenso poder como mito, concreto ainda hoje.” (Israel Finkelstein, autor de A Bíblia Desenterrada).

Outros ainda têm tentado comprovar a veracidade dos textos sagrados. E aí entra a grande influência das escrituras que pode desvirtuar os estudos. “Muitos arqueólogos procuram evidências que justifiquem sua própria fé. Qualquer vestígio é analisado com o desejo de encaixá-lo nos relatos bíblicos”, diz o historiador André Chevitarese, (UFRJ). Essa procura por novas provas é ainda mais verdadeira no caso da Arca. Seria grande descoberta para os arqueólogos, e prova da existência de Deus para os fiéis.

As principais referências sobre a Arca estão de fato na Bíblia e na Torá, que trazem ricas informações sobre a Antiguidade, mas sem rigor científico.

O PODER E O CONHECIMENTO

Uma afirmação muito bem admitida é que “conhecimento é poder”. Partindo dessa premissa se conhecimento gera poder, é viável dizer que quanto mais se busca conhecimento, mais detém poder. E este aumenta

na medida em que aumenta o conhecimento. E quando este conhecimento é restrito a poucos ou a um grupo seleto, constitui um poder ainda maior. Então, em todas as relações de poder há então os que detêm maior conhecimento como poderosos e, os de menor conhecimento.

Conhecimentos então adquiridos por antigas civilizações foram guardados em bibliotecas espalhadas pelo mundo conhecido na antiguidade. Muitas destas bibliotecas eram tão vastas que ficaram famosas, exemplo da Biblioteca de Alexandria, construída na cidade helênica de Alexandria, no Egito por Ptolomeu Filadelfo, no início do século III a.C., e seu lema era “adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra.” Continha praticamente todo conhecimento da Terra conhecida, em cerca de 700 mil rolos de papiro e pergaminhos.

Por questões principalmente de conveniência religiosa, poder e conhecimento, bibliotecas e arquivos foram sumariamente destruídos ao longo da história. Dentre inúmeros exemplos, conforme Carl Sagan (astrônomo) existiu um livro intitulado “A verdadeira história da humanidade nos últimos 100 mil anos”, que se encontrava no acervo de Alexandria e foi queimado por volta do Sec. III por fanáticos cristãos. Alguns exemplares foram salvos e posteriormente queimados alguns séculos depois pelos muçulmanos para aquecer a água das casas de banho da cidade.

A BÍBLIA – TEXTO E CONTEXTO, TRADUÇÕES E INTERPRETAÇÕES

Somente depois da invenção da imprensa é que os Livros da Bíblia se formaram da maneira como vemos nos dias de hoje, dividida em capítulos e estes em versículos. Assim, não se trata de um único livro, mas uma coletânea composta por dezenas de livros, dezenas de autores, dezenas de estilos literários.

O Antigo Testamento foi escrito em sua forma original em um estilo hebreu que consistia apenas no uso de consoantes, escrita de trás para frente. Não havia vogais, acentos gráficos ou pontuação. Por volta de 20 a.C. surgiu então uma tradução grega causada pelo crescente número de judeus falantes do grego, interessados nos textos. Essa tradução se tornou conhecida como Septuaginta (do latim septuaginta: setenta), porque a tradução foi feita por 72 estudiosos. Séculos depois, por volta do ano de 385, o doutor e confessor da Igreja, São Jerônimo (Eusebius Sophronius) elaborou para uso da Igreja uma versão latina da Bíblia que incluía o Novo Testamento, que por conta de seu uso comum, seu uso vulgar, ficou conhecida como Vulgata, “A Vulgata Latina”.

Em seu livro “Princípio da Interpretação Bíblica”, Wilson Scholz discorre das dificuldades das

traduções bíblicas, evidenciando as barreiras em se manter a fidelidade dos textos, classificando as traduções como ciência e arte, um jogo de perdas e ganhos. Exemplifica: enquanto realizava a tradução da Vulgata, São Jerônimo em uma carta escrita a Pamáquio (395 d.C.), se declarou a favor da “tradução do sentido” e contra uma “tradução palavra por palavra”. Abriu, no entanto, uma exceção: as Escrituras Sagradas, onde segundo ele, até mesmo a ordem das palavras era um mistério (Jerome, PP 112-119)

Em meio a essas colocações aparece então, dentre muitas outras, uma dúvida quanto à natureza do trabalho de José, o pai de Jesus, o carpinteiro. Laurence Gardner, em “Os Segredos perdidos da Arca Sagrada” entende que a palavra “adoração” também tem sido erroneamente interpretada. E explica, a palavra de origem semítica “avôd” traduzida como “adoração”, significava de fato “trabalho” (etimologia explicada pela Oxford Word Library). Os povos antigos tanto veneravam seus deuses nos Templos, como também trabalhavam para eles. Assim, naqueles tempos, nos Templos que eram também Oficinas, seus dirigentes eram chamados de “artesãos”. Seu ofício era relacionado com o conhecimento esotérico (como hoje, na Maçonaria Moderna), denominado de “kynning”. Aqueles a quem eram confiados os segredos, eram denominados “hábeis”, “habilidosos”. Então, José, o pai de Jesus, era descrito como “artesão”, erroneamente traduzida como carpinteiro. José não era então um trabalhador em madeira, mas um estudioso, um mestre, um homem culto, com habilidades de sua ocupação, um dirigente da Oficina, um dirigente do Templo.

Finalmente, outro grande problema reside também na interpretação bíblica. Novamente Vilson Scholz em “Princípio da Interpretação Bíblica” esclarece “não se pode simplesmente saltar por cima de, no mínimo, dois mil anos de interpretação bíblica e fazer de conta que a hermenêutica começou no dia em que nós nascemos ou nossa igreja foi fundada.” Essa história da interpretação, quer queiramos, quer não, influencia o intérprete de hoje, direta ou indiretamente (KAISER e SILVA, p.22). “A interpretação da Bíblia começa dentro da própria Bíblia. Os profetas do Antigo Testamento, por exemplo, interpretam e aplicam a Lei ao povo de seu tempo. Em outras palavras, chamam o povo de volta à aliança ratificada no Sinai.”

Portanto, consiste grave erro a utilização de textos para sustentação de ideias, ou seja, a utilização de uma série de versículos bíblicos fora do contexto para se provar uma linha de pensamento, uma conclusão, uma teologia. Vejamos o Salmo 97, 2-5:

*Nuvens e escuridão estão ao redor dele;
Justiça e juízo são à base do seu trono.
Um fogo vai adiante dele, e abrasa os seus inimigos em
redor.
Os seus relâmpagos iluminam o mundo;*

A terra viu e tremeu.

Os montes derretem como cera na presença do Senhor,...

Já foram publicadas muitas interpretações a respeito deste Salmo. Com certeza forneceu muitos argumentos aos pregadores do “Deus do Ódio e da Vingança”. O Salmo, na realidade, tem intrínseca relação com a Arca da Aliança, como veremos a frente. O escritor Jerry L. Ziegle, em 1977 comentou a respeito dessas interpretações bíblicas: “Um texto sem um contexto é simplesmente um pretexto”.

A ARCA DA ALIANÇA – RELATO BÍBLICO

Os acontecimentos descritos no Livro do Êxodo, quando pela primeira vez ocorre uma citação da Arca da Aliança, teriam sucedidos por volta de 1.300 a.C. Este cálculo é atualizado pela ocorrência de eventos históricos do antigo Egito, quando o povo hebreu era mantido escravo. Liderados por Moisés eles teriam fugido e partido em busca da Terra Prometida, Canaã. A Arca teria sido então confeccionada dois anos após a fuga, quando os hebreus estavam nas proximidades do monte Sinai.

Um dos pontos mais polêmicos quando se discute da existência da Arca, é a sua localização, ou a localização exata do Monte Horebe (ou Monte Sinai). Há quem afirme que fica na península do Sinai, ao leste do Egito. Outros, como Colin Humphreys, (físico britânico da Universidade de Cambridge), que pesquisa a história bíblica há 30 anos, afirma que o monte Bedr, na atual Arábia Saudita, é o verdadeiro Sinai.

Dificuldades de localização como estas se explicam pelo tempo decorrido entre o acontecimento dos eventos, até a compactação da Torá, ocorrida entre os séculos 7 a 5a.C.. Havia a intenção em se garantir a coesão daquele povo e a tentativa de se reforçar os preceitos de comportamento e os preceitos religiosos, a fim de que a identidade não se perdesse, numa época muito difícil para os hebreus, então exilados na Babilônia. Assim, de acordo com a Torá, no Monte Horebe, Javé instruiu Moisés na construção do Tabernáculo e na confecção dos utensílios que deveriam compô-lo, dentre eles, A Menorah e a Arca Sagrada. Dentro daquela urna, com dimensões específicas, deveriam ser guardadas as Tábuas da Lei, que traziam as determinações de conduta que os seguidores deveriam seguir em sua condição de povo eleito por Deus. A Arca da Aliança recebe então essa denominação por conter a prova dessa aliança entre o mundo divino e o mundo da terra.

Como o povo de Deus estava em constante movimento, a consequente necessidade de se transportar a Arca, em sua confecção foram colocadas quatro argolas também de ouro puro, em cada canto lateral. Assim como a Arca, as varas utilizadas para este transporte também

eram de acácia e recobertas de ouro puro. Uma vez colocadas, não mais puderam ser retiradas.

A tampa da Arca se constituía em uma peça em separado, chamada Propiciatório, o “Kapporeth” e nela foram esculpidos dois anjos querubins em ouro. Os anjos foram posicionados de joelhos, asas esticadas para frente em direção ao outro, sem tocar-se nas pontas, formando assim um arco. Deus se fazia então presente no meio dos Querubins, numa misteriosa aparição que os Judeus chamavam “Shekinah.”

A Arca compunha então o conjunto do Tabernáculo, com outras tantas recomendações. Ficaria sobre um altar também de madeira coberto de ouro, com uma coroa de ouro ao redor. Apenas os sacerdotes levitas poderiam transportar a arca ou tocá-la, utilizando vestimentas e aparatos próprios. Uma vez por ano, dia da expiação, quando o Shekiná se manifestava, apenas ao Sumo Sacerdote era permitido adentrar ao templo.

O Povo de Deus, depois de 40 anos de peregrinação pelo deserto, finalmente chega a terra prometida, (Canaã, terra dos cananeus, depois chamada de palestina, onde se localiza hoje o Estado de Israel). Só que a prometida terra não estava à espera do povo hebreu, era agora habitada pelos cananeus e era preciso conquista-la, tomá-la a força, expulsar seu povo. E a Arca se fez então arma de guerra. Durante esse período pela conquista de Canaã que durou 45 anos, a Arca foi tomada por outros povos. O livro de Samuel, que narra os fatos, descreve eventos que teriam acontecido perto de 1200 a.C.. Os Filisteus (povo que ocupou a costa sudoeste de Canaã, seu território era denominado Filístia), capturaram a Arca e a levaram em três cidades: Erom, Asdobe, e Bete-Semes. Em todas ocorreram eventos bastante estranhos: estátuas amanheciam decapitadas, ratos atacavam violentamente as residências e as pessoas apresentaram surtos de hemorroidas. Ainda mais, quem tocasse na Arca teria morte súbita. Assustados com os estranhos eventos devolveram a Arca aos seus donos.

Terminadas as guerras, os hebreus então esconderam a Arca em Quiriate-Jearim, a “cidade das florestas”, por um período de 70 anos, até que o Rei Davi decidiu construir um templo em Jerusalém para abrigá-la. Mas a obra coube a seu filho Salomão, que teria reinado do rio Eufrates (Iraque) até o Egito, entre os anos de 970 a.C e 931 a.C. O Templo, concluído em 965 a.C. é descrito como feito de pedra e seu interior revestido de cedro coberto de ouro. No centro uma área isolada, denominada Sagrado dos Sagrados, designada exclusivamente para abrigar a Arca, depositada sobre um altar de madeira revestida em ouro.

Com a morte do Rei Salomão, as 12 tribos de Judá (judeus) se uniram e depois se dividiram em dois grandes grupos. Uma parte, composta de 10 das tribos,

seguiu para o norte, com e a outra para o sul. Essa nova estrutura política se manteria até o ano 721 a.C., quando os assírios invadiram e dominaram o norte do reino de Israel. O sul, incluindo a cidade de Jerusalém cairia depois, em 586 a.C., diante do exército babilônico liderado por Nabucodonosor II. O Templo de Jerusalém foi então destruído.

Com isso desaparecem os registros sobre a Arca da Aliança nos relatos bíblicos, tendo como última referência o registro no capítulo 2 do segundo livro dos Macabeus.

O Profeta Jeremias, prevendo então a invasão do exército babilônico teria tirado a Arca do Templo e a escondido no monte Nebo, a 10 km da cidade de Madaba, no mesmo local, às margens do mar Morto, onde Moisés teria sido enterrado. A Arca teria sido escondida numa caverna e sua entrada teria sido destruída pelo profeta.

Até o seu desaparecimento, que ocorreria na tomada da cidade de Jerusalém por Nabucodonosor, foi o “meio de maior adoração” entre o Povo de Deus. Em II Macabeus, coube ao profeta Jeremias a responsabilidade de escondê-la no Monte Nebo (localizado na Jordânia com cerca de 820 metros de altitude). O Monte é descrito como o local onde Moisés visualizou a Terra Prometida e onde morreu, sem, entretanto, nunca chegar a entrar nessas terras, que viu apenas ao longe.

Também há alguma menção da Arca com os Cavaleiros Templários. Na época das Cruzadas, com o esforço cristão em reconquistar a Terra Santa, surgiu então o boato que os Cavaleiros haviam resgatado a Arca na Palestina e permanecido sob a custódia do monge francês Bernard de Clairvaux, para então desaparecer novamente.

Entretanto, existe um grupo que afirma ter a posse da Arca. No vilarejo Axum, Etiópia, há um mosteiro cristão, “Igreja Santa Maria de Sião”, onde os monges se dizem guardiães da Arca. Em 950 a.C. ela teria sido levada para lá pelas mãos de Menelik, filho de Salomão com a rainha de Sabá, conhecida como Makeda. A Arca estaria num templo nas proximidades do lago Zway, acessível apenas por um guardião, um sacerdote. Apesar da insistência dos arqueólogos que solicitam acesso ao local a fim de comprovar a sua existência, jamais ninguém foi autorizado. Os monges se utilizam do argumento que apenas o guardião sacerdote, eleito pelos monges, pode ter acesso à Arca sem risco de morte.

Mesmo que jamais tenha sido encontrada, a Arca é referência para todos os cristãos e ainda mais para os judeus. Em sua memória, a Sinagoga dispõe em sua estrutura uma área denominada “sanctum sanctorum” (Sagrado dos Sagrados), dedicada à aliança firmada entre Deus e os homens. “Graças à Arca, nossa história faz todo sentido”, expressa Barry Kornblau, diz o rabino americano de Nova York.

A ARCA E A INFLUÊNCIA EGÍPCIA RELIGIOSA NA MAÇONARIA

Parte dos graus que compõem a Loja de Perfeição pertence à classe também denominada Graus israelitas, bíblicos, judaicos, salomônicos, porque estão baseados na Bíblia. Por isso, estão recheados de passagens, lendas, símbolos, extraídos do Livro Sagrado, particularmente da Torá ou do Pentateuco que formam os cinco primeiros livros da Bíblia, Gênese, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

A prática do rito, assim como suas instruções, aludem também à sequência histórica do povo hebreu e sua influência egípcia, adquirida nos longos anos de escravidão, diretamente relacionada a partir da citação bíblica para a construção do primeiro Templo de Jerusalém, o Templo de Salomão. Os textos maçônicos abordam a direção da construção do Templo ao artífice fenício Hiran Abif (Senhor Hiran), cujo personagem, segundo a lenda, teria sido enviado pelo rei de Tiro (Hiran), ao rei hebreu Salomão. Fenícios e hebreus eram descendentes de Sem, o primogênito de Noé, de cujo nome vem a denominação semita (de Sem, semita). Segundo Jorge Adoum, “Grau de Mestre Maçom e seus Mistérios”, sete anos durou a construção do Templo, porque o resultado da genuína e Verdadeira Iniciação se obtém depois de sete anos, necessários à purificação do homem.

Cabe ainda aqui uma observação à influência religiosa católica em nossos ritos, herdada da maçonaria francesa, Rito de Perfeição, onde é possível observar algumas características comuns, típicas das Igrejas: a “sala de reuniões da Loja, denominada Templo e a necessidade de uma cerimônia específica para sagrá-lo; a planta do Templo, cujo formato parede do Oriente até pouco tempo era arredondado; o piso do Oriente mais elevado que o ocidente e uma “balaustrada” para separa-los; a luz votiva acesa em nossas reuniões; e ainda, a bolsa de coleta de metais com fins de solidariedade.

Diante de tanta referência bíblica e costumes religiosos incrustados em nossos rituais, não caberia entranhar a presença do Candelabro Místico (candelabro de Sete Velas), da Arca da Aliança em nossas Lojas, mais precisamente no Oriente. o “Sanctum Sanctorum”, que de acordo a Lenda, à morte de Hiran estava ainda inacabado.

Nicola Aslan, discorre ainda da grande analogia entre o Candelabro e a Arca da Aliança, sendo ele mais uma testemunha da aliança mística existente entre a criatura e o criador, entre o homem e o Princípio da Vida. E explica ainda Aldo Lavagnini (Magister): “por esta razão, a Arca da Aliança há de ser iluminada pelo candelabro de sete luzes, que são ao mesmo tempo os sete Elohim ou Criadores (manifestados nos sete raios, as sete

Forças Planetárias e nos sete Anjos que se sentam diante do Trono de Deus), as sete virtudes, as sete Artes, e os sete dons do Espírito Santo: sabedoria, inteligência, conselho, juízo, fortaleza, ciência e temor a Deus (compreensão da Lei).

Na Maçonaria a Arca da Aliança representa o “ovo cósmico” ou a “matriz universal”, que encerra dos germes da “nômada”. A simples referência a estes termos já demonstra o quanto nossa Ordem sobre influência das tradições egípcias e gnóstica, já que esse simbolismo está presente tanto na filosofia egípcia como gnóstica. Para os egípcios, o “ovo cósmico” era o caos inicial, de onde o deus Toth javia tirado o sol, princípio criador de toda matéria existente no universo.

Neste simbolismo, o fato da Loja guardar a Arca da Aliança, representa também o Tabernáculo, onde e situa o altar do “Santo dos Santos”. Na tradição hebraica, esse era o local onde originalmente de depositavam as Tábuas da Lei, (o Decálogo), aliança feita entre o povo de Israel e Deus, já que pra os hebreus, saber o conteúdo da Arca da Aliança significava estar de posse do segredo dos segredos.

A MONTANHA E O TEMPLO

Por volta do ano de 1918 o arqueólogo inglês William Matthew Flinders Petrie e sua equipe, expedição financiada pela Sociedade de Exploração Egípcia, trabalhavam no deserto do Sinai, em um platô rochoso e de muitos ventos. Sua intenção era explorar a antiga região rica em cobre e turquesa da península do Sinai, especificamente entre os golfos de Suez e Aqaba, a leste do Egito, acima do Mar Vermelho. Esta era a terra onde estava localizada a “Montanha de Moises”, que a Bíblia se refere como Monte Horebe (Monte Sinai), Depois da cansativa escalada descobriram no cume da montanha, estendendo-se a partir de uma caverna artificial, as ruínas ou o que sobrou de um antigo Templo repleto de relíquias Havia inscrições características ao faraó da 4ª. Dinastia Sneferu (2613a.C. a 2589 a.C), passando pela 18ª. Dinastia (época de Moisés), se entendendo até a 20ª. Dinastia, representando então um período de operação do Templo além dos 1.500 anos.

Foi nessa montanha que os relatos bíblicos descrevem o fenômeno da Sarça Ardente presenciada por Moisés. Foi ali onde falou com Deus, queimou o bezerro de ouro e onde recebeu as Tábuas da Lei. Os artefatos arqueológicos descobertos no Templo provocaram imenso desgosto na época, porque se entendeu que contradizia os acontecimentos narrados em Êxodo. Embora, tecnicamente os achados não desfigurassem os ensinamentos bíblicos, provocaram interpretações diferentes daquelas da história da Igreja, assim como a forma que vinha sendo ensinada.

O Templo, que se estendia além da caverna e possuía ainda parte de sua construção acima do solo, compunham-se de várias salas, santuários e algumas câmaras, todas repletas de monumentos, utensílios e instrumentos diversos, muitas estátuas e monumentos às divindades do Egito. Entretanto, diante de tudo o que mais chamou a atenção dos exploradores foi a descoberta de um cadinho de metalúrgico (fundição de metais) e, escondido entre as paredes, em lajes assentadas cuidadosamente, uma considerável quantidade de puro pó branco, muitas toneladas deles, que posteriormente descobriu-se ser uma substância ainda desconhecida chamada “mfkzt” (pronúncia “Mufkuzt”).

Também há alguma referência ao “mfkzt” nos escritos sagrados encontrados na Pirâmide de Unas, túmulo do rei Unas. Estes escritos religiosos são os mais antigos encontrados até hoje, com mais de 4.500 anos e esquematizam a forma como a alma do Faraó deveria fazer sua jornada ao plano espiritual, sua ressurreição após a morte. Os escritos descrevem o denominado “Campo de Mfkzt”, lugar onde o rei viveria eternamente com os deuses.

Anos mais tarde, produto de muitas pesquisas, o “pó branco” foi finalmente catalogado pelos egiptólogos como um “produto mineral valioso”. A ciência moderna o cataloga como “ouro monoatômico”, do grupo das substâncias denominadas Ormus (Elementos Monoatômicos com Orbitas Rearranjados), com propriedade física diferenciada, a exemplo da supercondutividade e com alegados efeitos extraordinários sobre o organismo humano. Compõe ainda o grupo das substâncias “Ormus”, o irídio e a platina.

Durante as pesquisas realizadas no Templo/oficina, outro motivo que causou espanto aos cientistas foram às diversas referências, associadas a outros escritos egípcios da pirâmides, escritas à palavra “pão”, “pão branco” oferecido aos faraós. O pão branco, ou “pão da vida”, era tido como um presente dos deuses aos faraós, que ao ingeri-los regularmente adquiriam a sua natureza divina, estendendo a sua perspectiva de vida, pois possuía atributos em combater as más formações celulares, consertar cordões de DNA e estimular funções hormonais, potencializando o campo energético dos faraós. Era a verdadeira “pedra filosofal”, convertida em locais sagrados, Templos/Oficinas, pelos chamados “hábeis” ou “habilidosos”.

Em Êxodo há um interessante relato que associa o “pó misterioso” ao ouro. Tendo viajado a partir do Egito através do Mar Vermelho, Moisés e os israelitas chegaram ao Monte Horebe. Moisés subiu a montanha para atender o chamado de Jeová, teria lhe dito que a partir de então será o seu único Deus e que seus seguidores não poderiam mais adorar ídolos e outras imagens. O povo que aguardava a volta de Moisés à base da montanha,

cansados, impacientes e crentes que havia se perdido, reuniu todos os brincos e outros artefatos de ouro e o entregaram a Aarão (irmão de Moisés) que o derreteu e confeccionou um bezerro de ouro, novo ídolo, adorado a partir de então. Moisés desceu a montanha e, diante do comportamento do povo que dançava ao redor do bezerro de ouro, realizou uma transformação fantástica. Êxodo 32, 20 “e pegando no bezerro que tinham feito, queimou-o no fogo e o reduziu a pó, que espalhou sobre a água e deu de beber aos filhos de Israel.”.

Observando sob outro prisma senão o da punição, a atitude de Moisés parece-nos mais um ritual, embora as religiões a tenham difundido como um castigo. Há duas situações distintas quanto ao uso do ouro aqui relatadas: Aarão submeteu o ouro à combustão e o resultado foi ouro derretido; Moisés também submeteu o ouro à combustão e obteve um resultado diferente, foi reduzido a pó.

A caverna, a ruína do Templo/oficina que o arqueólogo Flinders Pietre encontrou, era de fato uma oficina alquímica. Ali, o fogo deve ter “rugido” e fumegado na transformação do ouro em pó, o “mfkzt sagrado”, o enigmático “pó branco” de ouro, descrito como “doador da vida” para os reis, por meio da sua ingestão regular como pães ou imerso em água. Novamente em Êxodo 19,18 há outra alusão a esta oficina: “E o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente.”.

Aqui também parece haver uma ligação entre o “pão da vida” e os “pães da proposição”. Nas citações em Êxodo (Êxodo: 35:13; 39:36; 1Rs 7:48; 2Cr 13:11;), doze pães redondos que eram colocados sobre uma mesa existente no compartimento Santo do Tabernáculo ou do Templo e que eram substituídos por outros, frescos, todo sábado.

Eram os pães da proposição porque estavam na vista, na presença do Senhor. Em Êxodo 15, 29-31 ainda há o relato que o pão da proposição foi confeccionado no Monte Horebe por Bezaleu, que recebeu a tarefa de construir o Tabernáculo e a Arca da Aliança.

A ARCA DA ALIANÇA – DESCRIÇÃO BÍBLICA

Sua primeira menção bíblica está em Êxodo 25, 10-22, quando o Senhor dá as especificações para sua construção. Interessante destacar que considerando suas medidas, a razão precisa entre a largura/altura-comprimento é de 1:1,666. O material utilizado em sua confecção era “madeira shittim” (madeira incorruptível, embora geralmente se admita que seja acácia) e folheada a ouro. Em cada extremidade havia uma argola de ouro, onde através deles se encaixava as duas varas (bastões) também revestidas em ouro.

As dimensões desta tampa, o “propiciatório” também apresenta a mesma razão 1:1,666. Não havia madeira na tampa, que era de fato uma laje de ouro puro, certamente bastante grossa para não sofrer empenos. Em cada extremidade havia um anjo (querubim) de ouro também puro, um frente para o outro, com suas asas dobradas para dentro e para frente, o que se constitui na maior dificuldade em admitir a Arca da Aliança como um instrumento de Deus é a natureza dos querubins, já que o Senhor dera a seguinte ordem: Êxodo 20, 4: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há acima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra”.

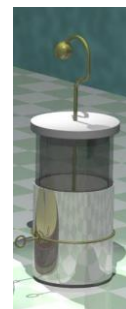
Possuía um poder mortal, fulminante. Quando não estava sobre o carro de bois, tinha que ser transportada com o auxílio dos bastões que foram passadas nos anéis e apenas os sacerdotes levitas, vestidos extraordinariamente podiam se aproximar da Arca. Seus trajes tinham grande quantidade de ouro em desenhos, anéis, argolas e correntes. Tinham que tirar seus calçados e lavar os pés para não serem mortos a simples aproximação da Arca. Aqueles que a transportavam através dos bastões também tinham que andar descalços. Em umas Crônicas 13, 10-11 há o relato do carreiro Uza que tentou segurar a Arca quando os bois tropeçaram e foi prontamente fulminado no momento que a tocou. Em Levítico 10, 1-2, Nabad e Abihu, dois dos filhos de Aarão foram mortos pelo fino raio de fogo que jorrou da Arca;

A descrição dos trajes dos sacerdotes levitas e os procedimentos necessários para aproximação da arca, leva a crer que o fenomenal poder dos anjos querubins era de fato eletricidade de alta tensão.

ALÉM DO MITO

Existe um pequeno “truque” no âmbito da física, denominada “Garrafa de Leyden”, um dispositivo elétrico realizado com uma base de vidro que permite armazenar cargas elétricas. Historicamente foi o primeiro condensador, inventando em 1745 pelo físico holandês Pieter van Musschenbroek.

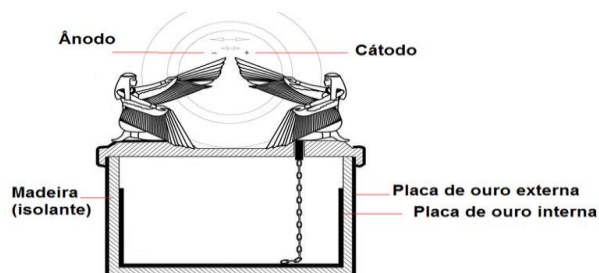
Como a garrafa de Leyden, um capacitor nada mais é do que um arranjo de dois materiais condutores de tal forma que ambos tenham a mesma quantidade de carga, porém com sinais opostos. Entretanto, os metais devem permanecer separados por um material não condutor a fim de que não haja transferência de elétrons entre eles. A capacidade de armazenar cargas, chamada de capacitância, depende crucialmente das propriedades deste material isolante.



Garrafa de Leyden

No início do século passado, por volta de 1930, o professor de engenharia Frederick Rogers da Universidade de Chicago, teorizou que a verdadeira causa da morte de Uzá, o carreiro que transportava a Arca da Aliança foi uma descarga de 10.000 volts de energia. Segundo o professor aquele “baú” misterioso nada mais era que um grande capacitor. A tese do professor ganhou publicidade e outro engenheiro realizou um estudo minucioso de construção da Arca de acordo com os dados bíblicos, concluindo então que havia produzido um potente condensador elétrico.

As bases da construção da Arca Sagrada foram à madeira e o ouro. A primeira considerada grande isolador e o ouro, excelente condutor de energia. Comparando aqui uma “Garrafa de Leyden” com apenas 15 cm, seria capaz de provocar descarga elétrica em até oito pessoas de mão dadas em correntes. Como a Arca tem dimensões e condutores de energia excelentes, sua capacidade é imensamente maior, servindo os querubins dispostos nas extremidades da tampa, como polo positivo e negativo do circuito. Acrescente-se a esse conjunto o ar quente carregado de energia estática do deserto. De acordo com o Professor Rogers, em condições extremas, a Arca poderia descarregar 10.000 volts de energia elétrica. A vigésima parte disso, 50 volts, já seria suficiente para matar um homem.



Estrutura da Arca

Esse fenômeno é conhecido como “diferença de potencial” entre a terra e o ar que pode ser coletada em cargas elétricas sob determinadas condições favoráveis. Outro detalhe é que a Arca nunca deveria tocar o chão,

sempre isolada por um suporte de madeira e, quando em movimento, transportada através de bastões suspensos.

Voltando as especificações da Arca no Antigo Testamento, ouro e madeira, condutor e isolador; dois querubins sobre a tampa, eletrodos (polos negativo e positivo); um perfeito condensador que, mesmo com baixa carga de energia acumulada, já seria suficiente para provocar a centelha no arco formado pelos querubins.

PALAVRAS FINAIS

Está comprovado em laboratórios científicos, que o centelhamento da corrente contínua é o processo que produz o ouro monoatômico, antes chamado de “mfkzt”, o pó branco. Em termos simples, é possível afirmar que “o pó branco”, fonte de vida dos faraós, encontrado na Montanha do Sinai era obtido a partir do ouro puro, sob ação de calor obtido através de um arco elétrico de corrente contínua, produzido pela Arca da Aliança.

O Templo encontrado em 1904 pela expedição do arqueólogo Petrie era de fato a oficina alquímica do Faraó Akenaton (Amenófis IV), da 18ª. Dinastia, que governou o Egito entre os anos de 1352 a.C a 1336 a.C, assim como dos faraós que o antecederam. A finalidade dessa oficina alquímica era mesmo a transformação do ouro puro em “mfkzt”, o pó branco de ouro, o “pão da vida”, alimento “doador da vida.

A Arca da Aliança seria então uma obra de Deus ou uma ficção baseada em fatos reais, propagada por correntes religiosas interessadas em unificar o Povo de Deus? Certamente nunca o saberemos. “Toda interpretação do passado é provisória.”

(1) Dia da Expição: Um dia por ano, o Sumo Sacerdote deixava o véu à parte e entrava no Santo dos Santos para fazer expiação (Heb. Kafar) para encobrir os pecados da nação do juízo de Deus, e para receber o perdão). Era no 10º dia do 7º mês - Tishri. Pelo nosso calendário, estaria entre o fim de setembro ou o início de outubro. Era um dia de jejum no qual nenhum trabalho poderia ser feito. O propósito do Dia da Expição era desviar a ira de Deus pelos seus pecados do último ano, e buscar o favor diante d'Ele. Era o dia no qual o significado do sistema expiatório alcançou seu ponto mais alto. (Apesar de diariamente, semanalmente, haver sacrifícios que eram oferecidos, ainda havia pecados que não foram reconciliados completamente, e neste dia especial todas as pessoas buscavam Deus para serem perdoadas.). Fonte: Wikipédia.

BIBLIOGRAFIA

A BIBLIA.org - In <http://www.abiblia.org/ver.php?id=7339>

BIBLIA SAGRADA, Editora Ave Maria, 170ª. Edição, 2006

DUTRA, Haroldo. - In <https://www.youtube.com/watch?v=Z604FpM9Iio>

ENCICLOPÉDIA CIÊNCIA - In [http://creationwiki.org/pt/Arca da Alian%C3%A7a](http://creationwiki.org/pt/Arca_da_Alian%C3%A7a)

FINKELSTEI, Israel e outro. In A Bíblia não tinha Razão, Editora Girafa, 2005

GARDENER, Laurence. Os Segredos Perdidos da Arca Sagrada, Editora Madras, 2004.

HISTÓRIA DO MUNDO - In <http://historiadomundo.uol.com.br/hebreus/arca-da-alianca.htm>

INFLUENCIA RELIGIOSA NOS RITOS MAÇÔNICOS - In <http://www.noesquadro.com.br/2012/09/a-influencia-religiosa-nos-ritos-maconicos.html> INTERNET:

JUNIOR, Ramundo Della, Maçonaria 30 Intruções de Mestre, 2ª. Ed. 2014.

PARFITT, Tudor. A Arca Perdida da Aliança, Editora Record,, 2008

PHILLIPS, Graham. Os Templários e A Arca da Aliança, Editora Madras, 2005.

RECANTO DAS LETRAS - O Mestre Secreto – JOÃO ANATALINO - In <http://www.joaoanatalino.recantodasletras.com.br/>

REVISTA SUPER INTERESSANTE - In <http://super.abril.com.br/ciencia/de-volta-para-o-passado-mas-de-olho-no-futuro>

REVISTA SUPER INTERESSANTE - In <http://super.abril.com.br/historia/a-arca-perdida>

SCHOLZ, VILSON. Princípios de Interpretação Bíblica, Editora Eulbra, 2004

SUA PESQUISA.COM - In <http://www.suapesquisa.com/egito/akhenaton.htm>

WIKIPEDIA - In [https://pt.wikipedia.org/wiki/Monte Sinai](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Sinai)

WIKIPEDIA – A Arca da Aliança. In [https://pt.wikipedia.org/wiki/Arca da Alian](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arca_da_Alian)